

Quando aprender é difícil

O seu filho chora quando tem de solucionar um problema de matemática? Tem dificuldades acentuadas ao nível da leitura ou da escrita? Saiba distinguir dificuldades de aprendizagem gerais das dificuldades de aprendizagem específicas com a ajuda de Diana Coelho, mestre em Educação Especial e especialista em dificuldades de aprendizagem

POR LEONOR ANTOLIN TEIXEIRA

FOTOS FREEPIK.COM

Quais são as principais dificuldades de aprendizagem existentes? É possível classificá-las e nomeá-las?

Antes de mais, é necessário distinguir as dificuldades de aprendizagem gerais (DA) – que todos podemos vivenciar ao longo do nosso processo escolar – das dificuldades de aprendizagem específicas (DAE), comumente designadas de DIS (DISlexia, DISgrafia, DISortografia e DIScalculia). Pegando no meu exemplo particular: lembro-me, perfeitamente, de ter imensas dificuldades em fazer contas de dividir e em resolver situações problemáticas, entrava em pânico quando ouvia o professor dizer: “Agora, vamos trabalhar Matemática!” Felizmente, e com a ajuda dos meus pais e professores, essas dificuldades foram ultrapassadas (atualmente, gosto muito mais de Matemática do que de Português). Este é um exemplo das dificuldades de aprendizagem gerais, que qualquer um de nós pode

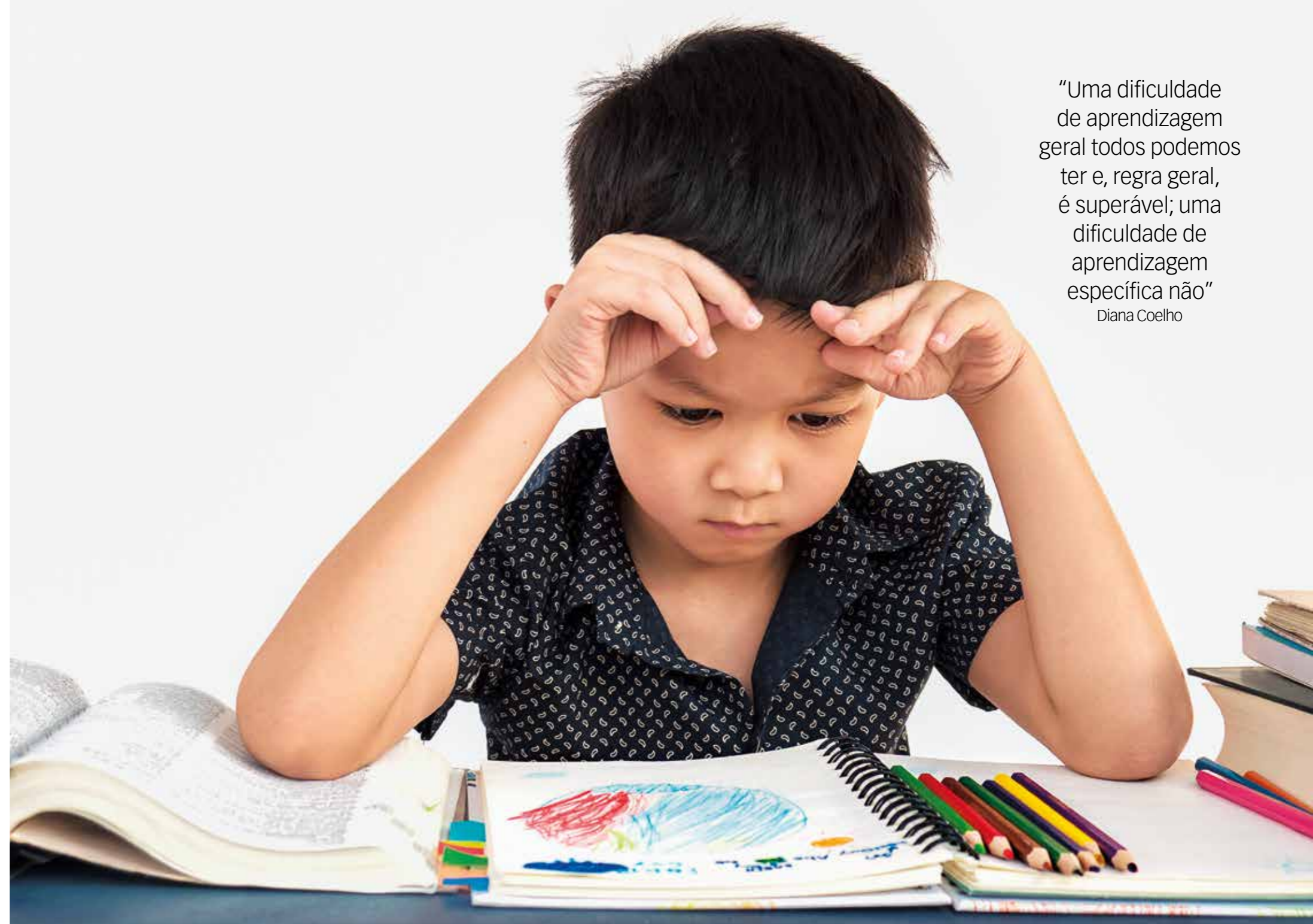
experimentar, mas que são superadas, quando se intervém no momento certo e se utilizam os métodos adequados.

As dificuldades de aprendizagem específicas, pelo contrário, são perturbações vitalícias, isto é, que se prolongam para o resto da vida: uma pessoa que tenha dislexia (dificuldades ao nível da leitura), será disléxica para o resto da sua vida; assim como uma criança com disgrafia (a chamada ‘letra feia’), com disortografia (escrita incorreta, com muitos erros ortográficos) ou com discalculia (dificuldades relacionadas com os conteúdos matemáticos).

Desta forma, uma dificuldade de aprendizagem geral todos podemos ter e, regra geral, é superável; uma dificuldade de aprendizagem específica não.

As dificuldades de aprendizagem surgem, regra geral, em que faixas etárias?

Não existe uma idade específica para surgirem dificuldades de aprendiza-



gem. Geralmente, tornam-se mais evidentes aquando da entrada para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, porque coincide com o início da aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo. Contudo, podem ser evidentes já alguns sinais de alerta, logo no Ensino Pré-Escolar, que poderão, mais tarde, confirmar um diagnóstico de qualquer uma das DIS (DISlexia, DISgrafia, DISortografia e DIScalculia).

Surgem mais em raparigas do que em rapazes? Ou não há distinção?

Em relação às dificuldades de aprendizagem (no geral) não tenho conhecimento de estudos que revelem

dados quanto à predominância do género. No entanto, no que diz respeito à dislexia, existem alguns autores que defendem que esta é mais comum em indivíduos do género masculino. Contudo, já se associaram estas conclusões à forma como são identificados os alunos: geralmente, as raparigas (pelo seu comportamento mais calmo e sossegado) passam mais despercebidas e, conseqüentemente, não são tão facilmente identificadas.

Por que motivos surgem essas dificuldades de aprendizagem? O que está na sua origem?

Não existe uma causa que possamos associar ao aparecimento de dificul-

dades de aprendizagem. Existem, sim, muitos motivos que podem estar na origem de uma DA/DAE.

Há autores que defendem o papel da hereditariedade, indicando que uma criança com um dos progenitores disléxico tem um risco oito vezes superior de apresentar esta problemática, por exemplo; ou, no caso de um dos irmãos ter dislexia, ter 30% a 40% de probabilidades de também ele/a ser disléxico/a.

Existem, também, investigadores que têm feito algumas descobertas na área da genética, identificando mutações em alguns cromossomas como causa destes problemas. Há, ainda,

“Uma dificuldade de aprendizagem geral todos podemos ter e, regra geral, é superável; uma dificuldade de aprendizagem específica não”

Diana Coelho

na motricidade fina, no equilíbrio, no domínio do corpo, na lateralidade e na coordenação visomotora.

Por último – e não menos importantes – as causas pedagógicas, como um ensino rígido/inflexível e com estratégias pouco adequadas às dificuldades da criança, uma má instrução, uma inadaptação do aluno à escola e uma falta de motivação para os conteúdos escolares, entre outros.

O que se pode fazer, em casa, para combater as dificuldades de aprendizagem?

Talvez 'combater' não seja o termo adequado, porque se for uma DAE (dificuldade de aprendizagem específica), dificilmente será ultrapassada. É óbvio que podemos dar a estes alunos um conjunto de ferramentas que os vão ajudar a melhorar nas áreas/conteúdos onde revelam mais dificuldades. Contudo, serão crianças/jovens/adultos que irão evidenciar, sempre, uma leitura lenta/silabada (se se tratar de dislexia), uma escrita com erros ortográficos/gramaticais (na disortografia), uma caligrafia irregular e/ou pouco perceptível (na disgrafia) ou dificuldades em praticamente tudo o que exija competências matemáticas (na discalculia). Acima de tudo, acho que qualquer familiar de uma criança com DIS deve ter esta informação bem presente.

Por outro lado, também deve ter consciência de que uma criança com dificuldades de aprendizagem (seja ou não DAE) precisa de trabalhar muito mais do que qualquer outro aluno. Em casa, deve haver sempre a preocupação de: 1) mais treino (de leitura, de escrita, de cálculo), 2) muito material diversificado (não apenas livros, folhas, lápis/borracha) e 3) mais acompanhamento (estar por perto – não é fazer por ele!; trabalhar/aprender com o seu educando). O ideal seria ler/escrever/calculador, todos os dias, um bocadinho. E, com isto, não quero dizer que precise de ler um livro inteiro, escrever um texto de dez linhas ou fazer 20 contas de somar/subtrair/multiplicar/dividir! Porque não colocar o educando a fazer a lista das compras do supermercado (e poder trabalhar algumas palavras/erros a partir daí)? E pedir-

-lhe ajuda para ler as instruções de montagem do móvel que compraram e precisa de ser montado (para que ele perceba a importância da leitura e se sintam útil ao fazê-lo)? Ou o manual de utilização do último eletrodoméstico que adquiriram lá para casa? E, talvez, ajudar a perceber qual a quantidade de farinha, açúcar, ovos que é preciso colocar num bolo para se fazer o dobro/metade da quantidade? Ou quantos quilómetros vão fazer na próxima viagem de família? Enfim, são alguns exemplos de como podemos aprender de uma forma divertida. Por outro lado, é importante, também, alertar os encarregados de educação para o facto de que eles são um

“Na escola, o professor tem um papel fundamental”

Diana Coelho

exemplo para os seus educandos, ou seja, se querem que eles leiam/escrevam/façam contas, deem o exemplo (não lhes digam que não têm tempo para ler ou que usam o telemóvel sempre que precisam de fazer contas – mesmo que isso aconteça algumas vezes).

E na escola?

Na escola, o professor tem um papel fundamental. Quando desconfia que algo não está bem, é o primeiro a colocar todas as hipóteses em cima da mesa e a testar vários métodos/estratégias de aprendizagem para perceber se o aluno não está a conseguir aprender porque o procedimento escolhido não foi o mais adequado para ele, ou se não consegue mesmo.

Depois de se confirmar o diagnóstico (caso tal aconteça), é importante ter em conta alguns aspetos, como: 1) a utilização de material concreto (apelativo, de preferência) que possa ser observado, ouvido, tocado, manipulado (é importante estimular vários sentidos – para as crianças com DA/DAE esta é uma estratégia de aprendizagem muito eficaz!) e diversificado; 2) estar próximo do aluno, para lhe facultar o auxílio/correção imediatos sempre que for preciso (o ideal será que a criança esteja sentada numa mesa junto do professor, mas também poder recorrer a um outro aluno da turma que ajude os que têm mais dificuldades); 3) privilegiar, sempre



Uma nota final...

“É importante lembrar que cada caso é um caso e que, por vezes, o que acontece/ resulta com uma criança pode não querer dizer o mesmo ou ser eficaz com outra, quer no que diz respeito às características, ao diagnóstico ou mesmo à intervenção. O mais importante é que exista um trabalho de articulação entre todas as pessoas que convivem com a criança (encarregados de educação, docentes, psicólogos, terapeutas...) para que, juntos, possam promover aquilo que mais desejam: melhorar as condições de aprendizagem do(s) seu(s) educando(s) e, conseqüentemente, os resultados por ele(s) alcançados”, Diana Coelho.

confiar/identificar alguns dos sinais de alerta e de perceber que a criança não está mesmo a conseguir aprender a ler, a escrever ou a realizar operações matemáticas deve sinalizar o aluno para a EMAEI (Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva) do seu agrupamento de escolas. Caso a escola não consiga dar uma resposta em tempo útil, deve aconselhar os encarregados de educação a procurarem ajuda particular. Não existe uma idade específica para o fazer. Se nos apercebermos de que a criança evidencia dificuldades e que, mesmo depois de um determinado período com intervenção adequada, não se identificam progressos, deve procurar-se um especialista. Há crianças que não chegam a precisar de um diagnóstico, porque começamos a ver resultados após umas sessões de intervenção (são, muito provavelmente, as crianças com dificuldades de aprendizagens gerais).

Os professores têm um papel importante, na deteção desse problema?

Os professores têm um papel importantíssimo na deteção das dificuldades de aprendizagem, quer pelo facto de serem as pessoas que mais tempo passam com as crianças (em contexto de aprendizagem), quer por terem 'termos de comparação' – os outros alunos da turma – e perceberem que determinado aluno não está a conseguir o que é esperado para a sua idade, ou seja, que se distancia da 'norma'.

Por vezes, os encarregados de educação também acabam por comparar os seus educandos (quando têm mais do que um filho) e aperceber-se que a criança não está a ter um percurso semelhante ao dos irmãos: que não consegue identificar as letras do alfabeto, que troca letras semelhantes (visualmente ou sonoramente), que apresenta dificuldades ao

nível da consciência fonológica e/ou na descodificação de sílabas/palavras (troca, omite, adiciona grafemas/sílabas) ou que escreve com uns grafemas desproporcionais e imperceptíveis, com um espaçamento irregular entre eles, que apresenta uma escrita com múltiplos erros ortográficos, gramaticais e/ou de pontuação, que não consegue calcular uma determinada quantia, que confunde os sinais das operações e/ou não compreende conceitos matemáticos, etc. Estes são alguns dos sinais de alerta das DIS, contudo, é importante perceber que uma criança pode evidenciar uma (ou várias) destas características e, posteriormente, não se confirmar o diagnóstico, ou seja, não é por o aluno revelar algum destes sinais que tem, obrigatoriamente, uma DIS (só um especialista o poderá confirmar), mas, como costumam dizer: mais vale uma dúvida precoce do que um diagnóstico tardio!

Essas dificuldades de aprendizagem poderão estar relacionadas com outras patologias? Quais?

Por vezes, o facto destes alunos não se identificarem/interessarem muito com a escola/conteúdos escolares, fá-los serem crianças com maior agitação motora (sempre a mexer em alguma coisa ou muito inquietos no seu lugar), défice de atenção (parecem estar muito atentos e até abanam a cabeça a dizer que sim, mas, afinal, estão com o pensamento em todo o lado menos no que lhes estamos a dizer). São, também, crianças com baixa autoestima/autoconceito/autoconfiança, inseguras, mais tristes/deprimidas, que pensam que nunca conseguirão ter boas notas, terminar os estudos ou terem uma profissão. ●

Saiba mais:

dianatcoelho.com